

# CURSO PRESENCIAL

## "RELAÇÕES INTERPESSOAIS NAS UNIDADES ESCOLARES"

### O cinema como alteridade

\* Cláudia Mogadouro

O cinema é um fenômeno que traz em si um paradoxo desde a sua criação. Ele faz parte da indústria cultural, isto é, tem que gerar um produto lucrativo, portanto, precisa garantir boa bilheteria, caso contrário não se paga (o cinema é BEM caro). Mas ele também tem claros elementos que o definem como obra de arte: necessita de autoria, trabalha com a sensibilidade do espectador e é imprevisível quanto aos seus resultados (recepção).

Pode ser um equívoco rotular os filmes na dicotomia: filme comercial X filme de arte ("cult"). Todos os filmes, para chegarem até nós, passaram pelo difícil filtro do competitivo mercado da produção, distribuição e exibição, mesmo que seja um Bergman ou um Kurosawa. Por outro lado, um filme que hoje chamamos de "blockbuster", por ser excessivamente comercial, teve na sua produção uma imensidão de artistas (atores, atrizes, diretores, fotógrafos, figurinistas, cenógrafos, músicos, roteiristas e muito mais) o que lhe confere qualidades de obra de arte. O que pode variar é a força do mercado de cada país.

Sabemos que a indústria cinematográfica norte-americana joga pesado no lado "negócio" do cinema, portanto, tem uma tendência a oferecer "mais do mesmo", já que a bilheteria é o que mais importa e não convém surpreender ou incomodar muito o público, já acostumado com seus temas e formatos. Cineastas de outros países com tradição de cinema (especialmente europeus) gozam de mais liberdade de produção, podendo experimentar e ousar mais na linguagem artística (sem perder o olho no negócio). Infelizmente, temos pouquíssima chance de conhecer uma cinematografia diversificada, que vá além da indústria norte-americana. Não apenas os alunos se acostumaram com uma mesma linguagem e ritmo do cinema dos EUA e, por isso, resistem às obras que não seguem esse padrão. Os professores também. Não se trata de negar que o cinema norte-americano é excepcional em muitos aspectos, mas é muito importante para um educador conhecer outras cinematografias, que falem do mundo e das culturas sob outro ponto de vista, ampliando nosso olhar para o mundo. Atenção, professor, é muito importante conhecer a riqueza do nosso cinema também (que vai muito além de pornochanchadas, violência e comédias televisivas).

O cinema sempre fez parte do nosso processo educativo, independentemente da formação escolar. Deixar-se levar, aceitando a emoção e a transformação que a experiência do cinema nos conduz é também educar os nossos sentimentos e a nossa visão de mundo. Para pensarmos um filme que seja educativo, é bom pensarmos no quanto ele nos provoca, nos desafia, nos faz refletir a partir de uma suspensão da realidade, o quanto ele nos amplia a visão de mundo e nos permite conhecer o outro.

A escola tem uma tendência a inserir o cinema no currículo como "ilustração" do conteúdo de uma disciplina. É preciso um certo cuidado, porque essa prática pode empobrecer a obra, porque tende a "didatizar" o filme, tirando dele seu caráter libertário, enquanto arte. A recepção de uma obra artística é altamente subjetiva e todas as interpretações são legítimas. Usar o filme como fonte para dialogar com outras fontes didáticas é muito válido, assim como se valer da temática abordada para desencadear debates necessários à formação do aluno. Há, ainda, a possibilidade de trabalharmos a linguagem audiovisual do cinema, de forma que os alunos desenvolvam uma leitura crítica do audiovisual, ampliando sua capacidade crítica também para a televisão, publicidade, internet etc.

Um filme como parte da formação cultural não é importante apenas para o aluno, mas também para o professor (talvez ainda mais). Quase sempre a formação inicial do professor não dá conta de prepará-lo para situações difíceis e temas com os quais ele se depara diariamente. O cinema, como obra de arte, é um potente instrumento para a alteridade. Ele nos permite "vestir a pele do outro" e repensarmos nossos conceitos cristalizados que, muitas vezes, são preconceitos. Ao entrarmos na pele do personagem torto, excluído, rebelde, agressivo, homossexual, indígena, analfabeto, introspectivo, criança estamos nos despidendo de nós mesmos e nos abrindo para o outro.

\* Cláudia Mogadouro, doutora, historiadora, educadora na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), colaboradora do Portal NET Educação, consultora pedagógica e formadora do projeto Educativo Tela Brasil. Criou e coordena há 17 anos o Grupo Cinema Paradiso.



**SINPEEM**  
SINDICATO DOS PROFISSIONAIS EM  
EDUCAÇÃO NO ENSINO MUNICIPAL-SP